

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LARISSA CONSTANTE LIPERT

O MAL-ESTAR DOCENTE: O LUGAR DO PROFESSOR NA SOCIEDADE HOJE

Porto Alegre

2020/2

Larissa Constante Lipert

O MAL-ESTAR DOCENTE: o lugar do professor na sociedade hoje

Trabalho de curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia. Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura de Pedagogia.

Orientadora: Simone Bicca Charczuk

PORTO ALEGRE

2020/2

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente às minhas colegas de curso Gabriela e Mariane por todo o auxílio e paciência que tivemos umas com as outras em cada trabalho realizado juntas. Agradeço também à Ana Jade, Cristiane Lessa, Larissa Borges e Priscila do Carmo que me auxiliaram a me tornar a profissional que hoje sou, meninas, sem vocês nada disso seria possível. Agradeço à minha mãe, Tatiane, que nunca me deixou desistir do meu sonho de cursar pedagogia, que sempre esteve ao meu lado em toda e qualquer dificuldade. Ao meu pai, Iuri, que esteve ao meu lado em tempos difíceis que me encontrei durante o curso da minha graduação. Obrigada também ao Luís Fernando, nunca me esquecerei de quando cheguei em nossa antiga casa e me deparei com a faixa de BIXO - Pedagogia pendurada nas janelas, esse foi um dos gestos mais bonitos que alguém já fez para mim e foi ali que vi que tinha o apoio completo diante das minhas escolhas profissionais. Obrigada minha família incrível que sempre me auxiliou em cada batalha que travei durante a graduação, cada dificuldade nos tornou mais fortes, mais ligados e se não fosse por vocês nada disso seria possível. Obrigada à professora Simone Bicca por me guiar nessa aventura que me encontrei diante da elaboração do trabalho de curso. Esse trabalho é para vocês.

RESUMO

O presente trabalho de curso dialoga sobre a desvalorização do educador na sociedade, seu mal-estar. Na atual conjuntura vivida nos últimos anos, a profissão de professor é apenas vista como uma vocação, desvalorizando os esforços unidos de tantos profissionais da área de se aprofundar na sua escolha de estudo, há sim muito trabalho dentro do aprender a ser professor e como todas as outras áreas de graduação pode-se estudar para cada vez mais adquirir sabedoria no seu âmbito profissional. Em articulação com referenciais teóricos sobre a temática, os textos utilizados para tal, em sua maioria, eram voltados para o mal-estar docente, psicanálise, saber profissional docente, desafios da profissão de professor e formação docente. Apresentamos quatro entrevistas com o objetivo de nortear o estudo com relatos de professoras que testemunham a dificuldade de ser professor nesse atual cenário nacional. Fundamentada com as entrevistas e embasamentos teóricos acerca do tema, a autora demonstra os obstáculos na vida docente tais como a desvalorização da profissão, a subestimação do trabalho do professorado, o preconceito da sociedade e barreiras por vezes impostas pela própria escola que o docente leciona, tornando assim ainda mais difícil o seu trabalho.

Palavras-chave: Mal-estar; desvalorização; professor.

ABSTRACT

This coursework discusses the devaluation of the educator in society, his or her uneasiness. In the current situation experienced in recent years, the teaching profession is seen only as a vocation, devaluing the united efforts of so many professionals in the area to deepen their choice of study. In articulation with theoretical references on the theme, the texts used for this purpose were mostly focused on uneasiness among teachers, psychoanalysis, teachers' professional knowledge, the challenges of the teaching profession, and teacher education. We presented four interviews with the purpose of guiding the study with reports from female teachers who testify the difficulty of being a teacher in this current national scenario. Based on the interviews and on theoretical foundations about the theme, the author demonstrates the obstacles in teaching life, such as the devaluation of the profession, the underestimation of the teachers' work, the prejudice of society, and barriers sometimes imposed by the school where the teacher teaches, making it even more difficult.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
REFERENCIAL TEÓRICO	7
METODOLOGIA	15
ANÁLISE DOS DADOS	16
A ESCOLHA PELA DOCÊNCIA E CONSTITUIÇÃO COMO PROFESSORA	17
O OLHAR DO OUTRO SOBRE SER PROFESSORA	18
SER PROFESSORA: UMA PROFISSÃO DESVALORIZADA	19
CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR E FORMAÇÃO DOCENTE	20
O MAL-ESTAR DOCENTE E A DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR	21
O LUGAR DO PROFESSOR NA SOCIEDADE HOJE	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	25

INTRODUÇÃO

Durante todo o curso de pedagogia pouco se tem contato com o tema do mal-estar docente, são poucos os títulos, que falam sobre uma desvalorização do professorado, pode-se citar títulos como o “Mal-estar na civilização” de Sigmund Freud e também o artigo “Acerca do mal-estar e sofrimento docente” da professora Simone Bicca Charczuk, materiais estes encontrados na disciplina eletiva de Seminário em Psicanálise e Educação. Vem-se, no decorrer da graduação, aprender a conviver com tal desprazer, desde o início de nossas vidas profissionais como professores, educadores ou estagiários vivencia-se casos e mais casos de desvalorização, subestimação do docente.

As entrevistas presentes neste trabalho têm como objetivo questionar e levar à reflexão professoras de alunos de diversas faixas etárias em distintos ambientes de trabalho, verificando se as entrevistadas são afetadas pelo tema “Mal-estar docente”, se pergunta as razões para cursar pedagogia, a reação de pessoas próximas ao se depararem com a escolha de sua profissão; se já cogitaram mudar de profissão e para qual; se já se sentiram desvalorizadas por conta de sua escolha de curso; quais os maiores desafios enfrentados durante a graduação; se dialogam sobre esse sentimento de mal-estar com outros colegas da mesma área e se sentem que a desvalorização da sociedade diante de sua profissão reflete em seus salários.

Agora seguem algumas questões pertinentes para a reflexão sobre o trabalho: como fica a imagem do professor perante seus alunos? Perante à coordenação da escola? Aos seus familiares? E sua saúde mental? São questionamentos de extrema importância para o seguimento deste presente trabalho de curso.

Esse trabalho está dividido em dez sessões. Na primeira é apresentado o referencial teórico usado para embasar o trabalho. Na segunda sessão a metodologia utilizada para realizar as entrevistas. Na terceira sessão se inicia a análise dos dados das entrevistas. Na quarta sessão o tema A escolha pela docência e constituição como professora. Na quinta sessão é abordado o olhar do outro sobre ser professora. Na sexta sessão o ser professora: uma profissão

desvalorizada. Na sétima sessão a constituição do professor e a formação docente. Na oitava sessão o mal-estar docente e a desvalorização do trabalho do professor. Na nona sessão o lugar do professor na sociedade hoje. Na décima sessão as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para a elaboração deste trabalho de curso foram necessários, além de entrevistas, materiais para embasar teoricamente as ideias apontadas pela autora. Os textos utilizados para tal, em sua maioria, eram voltados para o mal-estar docente, psicanálise, saber profissional docente, desafios da profissão de professor, formação docente. Autores como João Martins, Edileide Antonino da Silva, Marcelo Ricardo Pereira, entre outros, se encontram presentes na essência deste trabalho.

Em “Contribuições da psicanálise para a formação de professores” o autor João Batista Martins (2009) elucida sobre o sentido que se dá à formação de professores que, muitas vezes, é referida como “capacitação”, “treinamento”, “reciclagem”, formas inadequadas de descrever a formação do aluno como professor, o que seria uma forma de graduar um profissional da educação para repassar apenas conteúdos mecânicos se distanciando das manifestações inteligentes (Marin, 1995). Situando a forma de aprendizagem como um saber-fazer, uma “racionalidade técnica”, aumentando a distância entre teoria e prática.

Segundo o autor há, ainda, uma necessidade de repensar a formação docente pensando em superar essa dicotomia entre saberes da teoria e saberes da prática. Ou seja, os processos da formação de professores deveriam possuir competências que disponibilizem ao docente “planejar o seu trabalho, executá-lo com controle e avaliá-lo segundo critérios previamente estabelecidos.” Deve haver um “entrelaçamento entre teoria e prática” (Altenfelder, 2005).

No texto, a educação é exposta como o conjunto das estratégias culturais que se estruturam nas sociedades e que tem como objetivo assegurar sua continuidade material e sociocultural. Em uma perspectiva tradicional, presume-se que as noções são as mesmas em todo o tempo e em todo lugar e que resistem às mudanças sociais. Ainda é muito presente na sociedade a ideia de que o professor é quem detém o saber e o aluno é aquele que incorpora aquele conteúdo. Muitas vezes os professores se privam da relação aluno-professor, principalmente quando este

discente possui algum tipo de dificuldade dentro da sala de aula, mesmo assim a relação educativa é permeada pelo inesperado já que os processos referentes à afetividade são da ordem do inconsciente. Tanto o analista como o professor, tornam-se depositários de algo que pertence ao analisado ou ao aluno assumindo uma importância especial diante deste que é um paciente ou um educando, essas figuras passam a fazer parte do inconsciente após ser atribuído um sentido conferido pelo desejo, uma “posse”, a palavra do professor ganha poder diante do aluno após isso.

O professor acaba por se deparar com um paradoxo após conquistar esse aluno e para superar esse desafio se renuncia ao modelo que construiu e aceita o que lhe confere o aluno. Ainda assim, a posição do aluno é como um ignorante na relação pedagógica, mas essas relações são transpassadas por outras referências para além do instituído.

Para dar conta de seu trabalho, o professor deve reconhecer a particularidade constitucional de seu aluno e, com auxílio de pequenos indícios, saber o que se passa na mente dele. O professor, após estabelecer uma relação com seu aluno, está sujeito a testes, contestações, agressões, projeções... O processo de formação docente deve começar na criação de uma disponibilidade para o “outro”, proporcionando ao seu discente espaços de reflexão sobre as suas escolhas. Pautando uma prática a partir de uma ética que pressupõe como básico o respeito e a convivência.

Já em “Professores sob pressão: sofrimento e mal-estar na educação” as autoras Rosana Aguiar e Sandra Almeida (2006) narram sobre a crise na educação citando Arendt (2013) que discute a crise social e familiar e o papel da escola na conservação da tradição como forma de suavizar os efeitos dela nas crianças disponibilizando aos alunos acesso a saberes que ainda não possuem. Ao adulto cabe educar as crianças de forma que essa aprenda a conviver em sociedade, o professor é o representante de um mundo que o discente deve assumir a responsabilidade. A consideração e o respeito aos professores acaba por serem enfraquecidas pelas mudanças sociais, as crianças não são mais ensinadas em casa sobre o valor de um educador.

O mal-estar docente é abordado como sintoma e não uma doença orgânica, usam de “Mal-estar na civilização” de Freud para a compreensão do sofrimento de existir “na pele” de um professor. Neste texto, Freud confirma que as relações humanas desenvolvem no sujeito um intenso mal-estar, as proibições morais e as convenções regulam as forças internas. Ou seja, o mal-estar é próprio da condição humana aliado a decadência física decretada desde o nascimento. Ainda assim o sujeito não pode se deixar levar pelo sofrimento sem ser diagnosticado como deprimido, mesmo que o mal-estar seja inerente, o trabalho é um dos maiores motivadores do mal-estar.

Citado pelas autoras, Zaragoza (1999) constata que a interação do educador em sala de aula pode levar o levar a adoecer, já que suas ações criam tensões, emoções e sentimentos. Segundo a secretaria de Educação 800 educadores entram de licença médica todos os meses por problemas relacionados ao ensino, como tendinite, alergia ao giz, perda de voz e depressão, essas doenças atingem 44% dos profissionais da educação.

Codo (1999) pesquisou sobre o *burnout* (síndrome de desistência do educador) e concluiu que é o principal problema dos professores, ele surge quando o educador zera seus recursos pessoais ou estes são insuficientes para atender as demandas da escola. Apenas nos anos 70 foram desenvolvidos instrumentos capazes de compreender o desânimo, a apatia e a despersonalização dos professores. Há, na sociedade, ideais educativos inalcançáveis que levam ao adoecimento docente, esquece-se o desamparo que o professor acaba por sofrer, criando uma angústia que acaba sendo manifestada pela queixa e sintomas depressivos.

O sintoma do professor é não ser valorizado pelo seu trabalho, não obtendo o reconhecimento que deveria receber, faltando acolhimento às suas demandas sobrando assim o outro para tentar ser minimamente escutado. Na escola esses sintomas são manifestados como problemas pessoais com problemas escolares.”O desamparo seria aquilo que instaura o mal-estar na modernidade” (Birman, 2000). Há demandas de perfeição e poder do mundo moderno, essas exigências permeiam a escola e trazem ao professor uma angústia, o fazendo se sentir incompetente perante a idealização de seu ofício.

Há ainda no texto “Professores sob pressão: sofrimento e mal-estar na educação”, uma análise de dados relatados por professores, assim categorizados: descrédito em relação ao adoecimento dos professores; os preconceitos contra os professores diagnosticados como deprimidos; as dificuldades de aprendizagem dos alunos e o mal-estar docente; a violência extra e intra-escolar; a indisciplina na escola; a educação familiar dos professores, a relação transferencial com os alunos e a atuação profissional; o sentimento de insegurança vivenciado pelos docentes; o absenteísmo como uma das modalidades de defesa contra o mal-estar docente; o desgaste emocional pelo excessivo envolvimento do professor com os problemas pessoais de seus alunos; as frustrações pelas condições de trabalho e a importância dada ao apoio institucional necessário à prática pedagógica; as queixas e a demanda de escuta; os sintomas de depressão e seu “tratamento”.

“Isto é, não há nada que possa curar a angústia do professor, mas pode se buscar atravessá-la e, nessa travessia, é interessante que ele possua algum suporte” (Prioste, 2006). Que a sua ação se implique eticamente e busque dar sentido aos seus atos, falando de sua prática e efeitos subjetivos profissionais.

Em “Mal-estar docente e novos sintomas na cultura”, Marcelo Ricardo Pereira (2009) fala sobre a desautorização e o adoecimento mental do professor, relatando que dentro da escola o professor é desrespeitado, desvalorizado e, sobretudo, desautorizado. Segundo o autor, a profissão docente sofreu um desgaste intelectual, social, cultural e econômico, os educadores sofrem com o escárnio, a afronta e a apatia por parte dos discentes. Há, para o professor, uma obrigatoriedade de realizar um esforço para que seu lugar siga sendo de autoridade. O autor também aborda a síndrome de *Burnout* que aflige os professores adoecidos mentalmente por todas as formas de desvalorização e/ou desautorização.

O declínio da autoridade docente se alinha ao declínio do pai, à maneira de Freud. O esforço do professor não conhece êxito razoável e muito menos absoluto. Nos séculos XIX e XX cresceu o número de instituições escolares assim, a classe de professores deixa de ensinar apenas os nobres e passa a ser constituída pela classe trabalhadora sendo desvalorizada por possuir mestres comuns. Tudo isso gera um descontentamento, um mal-estar, sintoma social no espaço educacional. Há um declínio nas condições de trabalho, pouco reconhecimento profissional, sobrecarga

de atividades e pouco tempo para planejamento. É comum ouvir-se nas escolas que “os alunos não querem saber de nada”.

Os professores são acometidos por transtornos de ansiedade, de personalidade, bipolaridade, obsessões, entre outros. A juventude atual deixa claro que se diferencia do adulto e expressa esse sentimento com cinismo, indisciplina, desvio de conduta, violência... e não desistem dessa postura facilmente. O adulto não é lei, mas está ali para ajudar o adolescente a se humanizar. Para ajudar a recuperar a autoridade, os professores podem se destinar a lecionar em escolas menores, com disciplinas plurais, com menos complexidade diante de sua matéria, tudo isso pode ser favorável ao docente e ao discente. O ato de ensinar do professor depende de um interesse.

“Mal-estar: marca da escola na contemporaneidade” de Edileide da Silva (2012) aborda a queda da autoridade do professor, os poucos prazeres e muitos desprazeres da vida docente, os motivos pelo qual os professores dão tanta relevância aos aspectos desprazerosos da profissão, a pós-modernidade traz ao mundo do educador a desautorização que resulta no clima de mal-estar que circunda a instituição de ensino. Seria o mal-estar um sentimento que atravessa a escola e não deixa espaço para o bem-estar? Ele traduz os efeitos negativos que afetam os professores, que podem chegar a um estado depressivo por conta da insatisfação profissional, há um caráter negativo, sensação de que algo não está bem. É fruto de transformações sociais que ocorreram na metade do século XX e fortaleceu a desvalorização do educador. A era da informação traduz esse sentimento por meio da mídia, internet que acaba por sobrevir ao papel do professor, acaba por ser natural o ambiente escolar ser tomado pelo sentimento de mal-estar.

A autora também fala sobre o declínio da função paterna que se traduz na escola com a desautorização do professor, a escola contemporânea tem como proposta re-estabelecer a ordem paterna. Ainda que a docência não atenda o esperado pela sociedade, seria o bem-estar na escola um desejo utópico? Ele é fruto de uma orientação geral positiva nos acontecimentos da vida e se está presente na vida do professor, também se reflete no aluno este que percebe se o professor não gosta do que faz e muitas vezes acaba por isso se refletir em sua aprendizagem, o contrário também é válido. A sociedade espera da escola bem

mais do que esta pode oferecer. Diante dos movimentos históricos, a profissão do professor vem perdendo a sua valorização social. Ainda assim, o professor não pode abandonar seus esforços para se aproximar do bem-estar. Há muitos desafios a serem vencidos.

No texto “A sociedade da vergonha e a (des)construção da subjetividade docente” as autoras Barbara Paulino, Raquel Franco e o autor Marcelo Pereira (2011) abordam o tema dos efeitos do declínio dos valores do mundo público, as ideias da sociedade da vergonha ou personalizada pelo domínio do mundo privado. Trazendo a desautorização docente como tema recorrente, tendo como agentes os estudantes, quais são as estratégias utilizadas pelos professores diante desse contexto? Somos artistas desprovidos de nossa arte. A culpa que outrora era cultuada cedeu espaço ao narcisismo para os sujeitos não se sentirem tão culpados. Não há mais culpa por violar a moral apenas a vergonha e “a vergonha não toca o indivíduo em sua intimidade, a toca em seu ser social, em sua aparência” (Enriquez, 2006). Desde que o ato não se torne público, ele pode ser feito a revelia, pois o sujeito não passará vergonha. O professor adolescentizado acaba fazendo parte do espetáculo do narcisismo em uma tentativa de ocupar o seu lugar fascinando o estudante, até onde dar aula? Até onde falar de si? Desejados os professores sentem que estão conquistando o seu público, sendo alvo de interesse, tentando despertar a atenção de seus discentes. A partir do século XX pode-se notar uma sociedade marcada pela imagem e seus excessos, vivendo através de imagens, uma imensa acumulação de espetáculos. Se identificando com os alunos, os adultos acabam por deixar essa vaga de adultos desocupada, revertendo essa liberdade em desamparo.

“Ser professor na contemporaneidade: desafios da profissão”, escrita proposta por Aleindo Prado, Jecilene Coutinho, Osvaldineide Reis e Osvaldo Villalba (2013), evidencia a necessidade do docente em ultrapassar a fundamentação teórica e fragmentada, para agir em situações novas e problemáticas. Sempre em constante atualização e preparação para desempenhar sua função. Esse processo de atualização não se restringe a sua formação inicial e se prolonga durante toda a sua trajetória profissional. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

É levantada a questão sobre o “por que ser professor” nos dias atuais e os desafios encontrados nessa profissão na sociedade atual. Há a tradicional concepção da vocação de ser professor, como se esse profissional tivesse a obrigação de ser um modelo de virtudes, o professor por muito tempo foi comparado a um sacerdote do saber, que era guiado por uma missão transcendente. É uma profissão complexa permeada pela incerteza e ambiguidade de suas funções. Ser professor não é uma técnica e sim ser um profissional de ensino, competente. Ao passar dos anos, a imagem do professor sofreu mutações importantes que redefiniram o seu papel degradando a sua imagem social, ainda assim essa não é fator determinante de sua aquisição de identidade profissional; esse processo ocorre de acordo com sua cultura e categoria social, principais fontes de identidades.

Há duas concepções sobre a profissão do professor, uma delas são os saberes adquiridos em sua formação e a outra construída no processo de trabalho e experiência, assim a profissionalização é construída na articulação entre a experiência e a didática. A identidade profissional do professor é uma maneira de ser professor que é construído sendo resultado de um processo de múltiplas identidades. Uma das dificuldades que o professor enfrenta na sociedade hoje é a descaracterização e desprofissionalização do professor, além da crise da profissão docente, o docente se mostra confuso em muitos aspectos, com a “profissionalidade abalada, mal definida, em conflito com uma auto-imagem pouco expressiva e desvalorizada.” (Coutinho, Prado, Reis, Villalba, 2013). O professor precisa reunir um conjunto de aprendizados e competências para desempenhar a sua função. A prática pedagógica deve aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. “Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (Freire, 2008). O professor ao aprender a conhecer deve articular esses novos conhecimentos com a mediação e diálogo com os alunos. O docente deve estar envolvido no processo.

Em “Psicanálise, educação e o mal-estar na formação de professores” Renata Nunes Vasconcelos e Margarete Miranda (2012) trazem em forma de artigo a parte de uma pesquisa intitulada “Formação de professores e Psicanálise” desenvolvida no Núcleo de estudos de pesquisa sobre Formação de professores, trabalho docente e discurso pedagógico que visa investigar as conexões possíveis entre educação e psicanálise no Brasil.

Conflito professor-aluno representa uma grande parcela das queixas de educadores que relatam sobre a dificuldade em atuar nas escolas e que seu mal-estar vem daí. Os professores mencionam que suas primeiras dificuldades remetem a ideia de que que não são ensinados a ensinar, se sentem inseguros e não sabem o que fazer com os estudantes que não aprendem. A crise de identidade docente, além dos motivos já apresentados, também é fruto das condições de trabalho insuficientes. “Professor é uma pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor.” (Nóvoa, 1995).

A formação de professores ganha novas visões de estudos assim que eles são vistos como pessoas que possuem histórias de vidas pessoais e profissionais que acabam por se cruzar resultando em sua identidade profissional. O mal-estar acaba por produzir sintomas como o adoecimento, a impotência, o estresse,, o fracasso em ensinar e a desistência da profissão. O professor ainda tem que lidar com a indisciplina de seus alunos acabando por se sentir diminuído, sem esquecer a idealização que permeia sua trajetória. Existe o desapontamento dos educadores quando falam de sua profissão nos “grupos de trabalho”. Algo sempre fracassará mesmo que os professores estejam preparados para transmitir aos seus alunos novos conhecimentos. A incerteza, o impasse são marcas da profissão.

Em “De que hoje padecem os professores da Educação Básica” o autor Marcelo Ricardo Pereira (2017) elucida o cotidiano de professores na educação básica, as diversas queixas das formas clínicas de sintomas relatados por professores. Resultado da destituição da autoridade dos professores, o desinteresse dos estudantes, os confrontos e a agressividade banalizada dentro da sala de aula. Tentando compreender o quanto a escola pode estar corroborando para manter a postura do professor desencorajada que acaba por resultar em algum tipo de morbidade psíquica. A depressão acaba por ser o sintoma mais recorrente dos professores, está presente em doze dos quinze professores entrevistados pelo autor.

Os professores relatam que não conseguem mudar os seus alunos, que passam em branco, ainda há uma presença excessiva do narcisismo recuando a própria potência. O pessimismo nutrido pelo docente acaba dando resultado ao que já era esperado pelo mesmo, deprimindo-se. A medicalização docente com antidepressivos acaba por acentuar a covardia moral do educador. Devem ser

repensadas suas condições de trabalho, sua remuneração, suas relações com o saber e com a formação. Há a necessidade de uma pesquisa-intervenção de orientação clínica aos professores para trazer ao seu ofício novas possibilidades.

Em “O processo de constituir-se professor na relação objetividade-subjetividade: significações acerca da mediação social na escolha pela docência” as autoras Elayna Sousa e Eliana Marques (2019) compreendem, em seu artigo, que “o professor não nasce professor e sim se constitui como tal mediado pelo social”. Foram entrevistados vinte e nove professores dos anos finais do ensino fundamental a fim de conhecer os significados dados por esses professores sobre as vivências de seus processos. É diante das necessidades do homem que se realiza o trabalho, graças ao social o homem pode socializar, aprender, conhecer novos saberes, que se desenvolve. Os professores entrevistados relataram que as condições que cursaram a educação básica refletiram em suas escolhas para a vida profissional, a maioria cursou a educação básica em escolas públicas em um contexto familiar humilde com presença marcante de seus familiares. As autoras ainda relatam que uma das entrevistadas viu na formação como professora uma forma rápida e fácil de ingressar no mercado de trabalho, outra professora ainda declara “Querida ser médica, mas, como sabia que não era dedicada, tentei Odontologia e Biologia, sem saber que era licenciatura. Passei para Biologia e foi um curso de que gostei muito e me dava bem”. A maioria dos professores entrevistados escolheu a licenciatura como uma forma rápida de colocação no mercado de trabalho.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada no presente trabalho de curso foi a abordagem qualitativa utilizando o referencial teórico que aborda a desvalorização docente e os sintomas de seu mal-estar como “Mal-estar docente e novos sintomas na cultura” (2009) de Marcelo Ricardo Pereira onde o autor aborda a desautorização e adoecimento mental do professor, o crescimento de instituições de ensino a partir do século XIX, o mal-estar docente, o dever do professor se apresentar como autoridade, a forma como “inteiro” que o docente se apresenta diante aos seus alunos e à sua instituição.

Em diversos artigos presentes nesse trabalho os autores elucidam como, nas últimas décadas, o trabalho docente vem sendo desafiado por desautorização diante aos alunos, desvalorização para além de sua remuneração como também em sua imagem perante a sociedade, há a síndrome de *Burnout* onde os professores acabam por desistir de sua profissão, diversos sintomas como depressão, síndromes como bipolaridade, frustrações com seu trabalho que por muitas vezes possui condições precárias, o desinteresse e enfrentamento de seus alunos, o declínio de sua profissão diante o mundo.

Como instrumento de pesquisa foram realizadas entrevistas por chamada de vídeo do *whatsapp* com quatro professoras de gênero feminino com idades entre 25 e 47 anos. Por meio destas entrevistas com as professoras previamente conhecidas pela autora, estas foram convidadas a falar sobre seu percurso de escolha pela docência, bem como os desafios e impasses vivenciados no exercício da profissão. Os nomes das entrevistadas foram alterados para não haver qualquer tipo de exposição da vida pessoal e profissional das mesmas.

ANÁLISE DOS DADOS

Para o presente trabalho foram realizadas entrevistas com quatro profissionais da área da educação referentes à desvalorização do professor na sociedade. O objetivo, com essas entrevistas, foi embasar o trabalho com a percepção de outras professoras sobre a desvalorização do professor e assim termos outros pontos de vista para trabalharmos na execução do trabalho de curso.

A partir da fala das professoras, os dados foram reunidos em três categorias: “a escolha pela docência e constituição como professora”; “o olhar do outro sobre ser professora” e “ser professor: uma profissão desvalorizada”. Segue abaixo a análise de dados coletados durante as entrevistas.

A ESCOLHA PELA DOCÊNCIA E CONSTITUIÇÃO COMO PROFESSORA

De início fala-se sobre as razões de cursar pedagogia de cada uma das professoras entrevistadas, o que faz uma pessoa escolher por estudar para se tornar um(a) professor(a)? Entre os relatos, Anelise diz que pensava em escolher seu curso, pois gostava de lidar com crianças. Durante o curso de pedagogia se discute

sobre essa questão entre os colegas, basta para um professor escolher a sua profissão apenas por “gostar de crianças”? Diante dos artigos que embasam esse trabalho, como em “Ser professor na contemporaneidade: desafios da profissão” (2013) onde seus autores elucidam que tradicionalmente possui-se a concepção de existir uma vocação para se tornar um educador, concepção essa que determina que esse profissional seja um modelo de virtudes, o que em qualquer profissão seria extremamente difícil.

A resposta para se existe uma vocação prévia para a profissão docente é clara: ela não existe, para se tornar um professor ou professora é necessário um trabalho extensivo que envolve graduação, estudo, atualizações das disciplinas, toda essa batalha travada pelo docente acaba sendo ignorada pela sociedade resultando em sua desvalorização, acredita-se que apenas “cuida-se de crianças” como veremos mais adiante nesse trabalho e ainda assim, se fosse apenas cuidar de crianças a profissão de um professor, ela merecia ser desta forma tão desvalorizada?

A formação e constituição de um docente vai muito além de nutrir um bom sentimento pelos estudantes, o que não deixa de ser um grande passo para a escolha de curso, mas não é o suficiente para continuá-lo. Um professor deve estar ciente desde o início de sua formação e assimilação da escolha que está fazendo ao se dedicar ao magistério, ainda que trabalhe com crianças menores, a educação segue sendo um assunto sério e que deve ser constantemente reelaborado durante toda a graduação, um professor tem a missão de formar cidadãos pensantes que têm o poder de mudar e moldar todo o futuro de uma sociedade - o que é muita responsabilidade. Ou seja, o amor por crianças não vai cobrir todo um curso que faz o estudante ser responsável pela construção de novos futuros.

Em meio às entrevistadas têm-se duas professoras que já estudavam para tornarem-se docentes, mas acabaram escolhendo pela pedagogia após cursar por alguns semestres matemática, depois de trabalharem com crianças e também por influência de outras pessoas preferiram escolher um curso como pedagogia. Pode-se concluir que mesmo sendo uma profissão tão desvalorizada - como se concebe nas entrevistas - ainda assim é uma profissão indicada pelas mesmas que encontram desafios durante ela, em uma possível tentativa de trazer para essa

atividade novos rostos que possam trazer consigo um sentimento de renovação, de mudança, uma esperança de melhorar o futuro.

Por fim depara-se com a entrevista de Daniela, em seu relato ela conta que escolheu a pedagogia por ser o curso mais em conta de se cursar em uma faculdade particular, é preocupante que alguém possa cogitar escolher uma profissão com base em seu preço, mas ainda assim acontece. A profissão de professor é tão menosprezada e desvalorizada que seus preços são atrativos para pessoas que escolheriam outro curso se não fosse pela questão do valor. Ainda assim, a constituição de um professor que inclui uma longa formação com direito a um imenso leque de estudos e teóricos para capacitar o docente a lecionar, pode-se criar um professor capaz de ensinar plenamente ainda que essa seja sua escolha por conveniência.

O OLHAR DO OUTRO SOBRE SER PROFESSORA

Em sua maioria, as entrevistadas relatam que durante a escolha por sua profissão ouviram que passariam fome, seriam pobres pelo resto da vida, que cuidar de criança era um trabalho fácil, como se a educação de um discente não envolvesse desafios que vão além do conteúdo a ser repassado durante as aulas. Duas das entrevistadas tiveram o apoio pleno de suas famílias, mas ainda assim se sentem desvalorizadas dentro de uma sociedade que hoje em dia nutre preconceito contra uma profissão tão importante para o futuro, tão complexa.

Segundo Jesus (1998) a era da informação acaba por contribuir para a desvalorização do professor, no passado a transmissão de conteúdos, de saberes era por meio do professor, hoje se encontra todo tipo de informação nas mídias, na internet. Ainda que não substituam o trabalho feito dentro da sala de aula, esses métodos são importantes para a formação de um aluno.

Em seu relato, a professora Daniela chega a mencionar que já teve que mentir para outras pessoas sobre a sua profissão por medo da resposta ao se depararem com uma graduanda em pedagogia. O que acontece com a sociedade para uma profissional do ramo chegar a mentir por tanta vergonha de como o outro vai receber a informação sobre o seu emprego, por medo de piadas, comentários desnecessários vindo de desconhecidos que creem que essa carreira é tão menor que outras, que se veem no direito de ajudar a destruir uma imagem que deveria ser

bonita, a de ensinar e compartilhar saberes com os discentes. É claro que realmente o trabalho como docente sofreu um declínio durante os últimos séculos como Pereira (2013) aborda em seu texto quando fala que a função de professor na modernidade sofreu desgaste intelectual, social, cultural e econômico, já que antes professores eram tratados como mestres do saber, o ensino aos mais pobres, a toda a sociedade, já que a educação é um direito assegurado a todas as faixas etárias, a alta demanda de professores que atualmente atinge a classe trabalhadora enquanto os mais pobres se graduarem em um curso de licenciatura podendo assim também lecionar faz com que seu valor seja ainda mais baixo, é um preconceito enraizado na sociedade que concebe que o que vem das classes mais desfavorecidas não tem o mesmo peso das classes altas.

SER PROFESSORA: UMA PROFISSÃO DESVALORIZADA

Já que nessa análise dos dados das entrevistas já se falou sobre a visão da sociedade perante o docente, inicia-se o assunto para além dessa concepção, qual o valor de um professor? Como pode se definir quanto ele deve receber por um trabalho tão importante como formar o futuro do mundo? Não se sabe como fazer essa delimitação, mas se pode dizer que é pouco, muito pouco pelo tanto que se é trabalhado.

A professora entrevistada Brenda relata trabalhar muitas horas durante o dia para ser bem recompensada financeiramente pelos seus patrões e ainda assim sofre com a desvalorização, com o sentimento de inferioridade que a sociedade nutre por uma profissão que outrora era muito valorizada. A sociedade mudou, a forma de se tornar um professor mudou junto com ela e não ficou mais fácil, apenas se tornou mais difícil, os docentes atualmente estudam muito e devem, sempre que possível, se atualizar nas disciplinas ensinadas a seus alunos, o professor nunca está completo e pleno em sua profissão, há sempre o que se aprender mais, além de também ter o trabalho de conhecer seus alunos, de entender quais são as suas dificuldades, bem como sua subjetividade.

Além de toda a questão financeira defasada, o professor ainda tem que lidar com o desrespeito de seus alunos, responsáveis e coordenadores. A falta de autoridade dentro da sala de aula que vai acarretando um sentimento de mal-estar,

alimenta essa dor do professor que se sente menosprezado e passa a sentir durante a sua profissão. O descaso do governo que deveria apoiar essa carreira vai mostrando o quanto o professor segue desvalorizado e não está perto de esse cenário acabar. Ainda assim, a maioria das entrevistadas gostaria de seguir nessa profissão, apenas mudando de área, como coordenação, pós-graduação em psicopedagogia para trabalhar com atendimento especializado.

O sentimento de desvalorização de cada uma das professoras entrevistadas aparece de forma singular, mas no fim diz muito sobre como a carreira é vista socialmente. Diante de tantas dificuldades, os docentes encontraram em suas colegas de profissão um local seguro para desabafar sobre essas questões, como a desvalorização financeira, o desrespeito dos responsáveis, a falta de autoridade dentro de uma sala de aula, as condições de trabalho precárias. Nunca se esquecendo das tantas que desistiram da graduação de pedagogia para trocar de curso por questões de desvalorização. Sobra para a professora se contentar com o quanto recebe por mês.

CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR E FORMAÇÃO DOCENTE

Por vezes a formação do professor é tratada como um treinamento (Marin, 1995), esquecendo que essa formação docente deveria preparar da melhor forma o professor para o futuro no professorado, o curso de pedagogia tem muita teoria sobre como deveria ser o ensino dentro das escolas com diversas faixas etárias e carece de mais prática. O professor recém formado domina muito conteúdo, mas pouca experiência com os discentes. A formação do professor não deveria ser tratada como um treinamento básico já que o docente está educando pessoas para realizarem atos através do uso da inteligência. Ainda assim, o treinamento está vinculado a práticas de formação, sempre visando o entendimento de técnicas, das ferramentas das estratégias de ensino. O treinamento consiste em saber e saber-fazer e se reflete no aluno que é treinado a ler, escrever, fazer contas, etc.

A educação pautada na razão, deve-se ter conhecimentos prévios para a formação do professor que vai ser trabalhado na sua graduação na área escolhida, cada uma com suas diferentes especificações e focos, seria por conta deste conhecimento prévio adquirido durante a vida de discente do professor em seu ensino fundamental e médio que a profissão beira a desvalorização em frente a

sociedade? A profissão vai muito além de apenas repassar conteúdos, o professor coloca em seu ensino anos de estudos teóricos visando a melhor forma de atender às demandas de dentro de uma sala de aula.

Mais que isso, são muitos conceitos a se aprender na prática, o lidar com responsáveis, assim como com a coordenação da escola e nunca esquecendo os alunos. A teoria por vezes acaba por deixar de lado os maiores desafios que um professor enfrenta em sua trajetória como pessoa que ensina, estes em sua maioria dentro da instituição de ensino. Muitas vezes o conteúdo a ser ensinado é a parte mais fácil da rotina para o discente.

Há a pressão na sociedade como grande parte das entrevistadas relataram para além das portas da faculdade, a profissão do professor é subestimada, “apenas” se ensina e pronto, mas o que engloba esse “apenas ensinar?” Não é segredo para ninguém a importância de um ensino de qualidade dentro das escolas, mas enquanto a sociedade julgar o trabalho de um professor como inferior seguirá afugentando profissionais eficientes após uma graduação que se veem obrigados a escolher uma profissão de maior prestígio pela sociedade.

Ainda assim a fácil colocação no mercado de trabalho acaba por trazer as licenciaturas profissionais que talvez não fizesse essa escolha se passassem no vestibular para outros cursos ou que se esses outros cursos tivessem um rápido retorno financeiro a seus graduados. Infelizmente a remuneração do professor é baixa.

O MAL-ESTAR DOCENTE E A DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR

O papel do professor na sala de aula é vital, mas não é o único de suma importância, os alunos possuem um papel dentro das suas turmas devendo, para além do aprendizado, respeitar o seu docente, o que engloba: ouvir, participar ativamente das aulas, levar suas dúvidas para serem sanadas pelo professor, entre outros.

Infelizmente no cenário atual, vemos que mesmo dentro de casa alguns valores tão importantes para o desempenho de aulas não são mais repassados, os professores que antes eram figuras de respeito, valorizados, hoje não são mais

tratados com o mesmo respeito, algo se perdeu na evolução da nossa sociedade, como Pereira (2013) elucida em seu texto, os professores acabam por ser desautorizados dentro da sala de aula..

Devemos levar em consideração que os alunos também possuem seus problemas e que na sala de aula é um ambiente seguro para dividir suas inseguranças, seja com os professores e coordenadores da escola, o que pode levar os discentes e ter uma postura mais agressiva com quem lida com eles diariamente por várias horas. Há também o declínio da função paterna (Silva, 2012), em casa alguns dos alunos já tratam seus pais com falta de respeito, o que esperar do tratamento desses mesmos alunos dentro da sala de aula?

O professor acaba por ser desumanizado pelos seus próprios alunos, perde-se sua vida pessoal enquanto tenta de todas as maneiras atenderem às demandas de sua vida profissional, se esforça para manter cerca de vinte e cinco alunos dentro de uma sala de aula presentes, prendem a atenção desses indivíduos é um obstáculo.

Há também outro problema dentro das escolas que é o desamparo que os docentes sofrem pelos seus superiores, apenas resultados são cobrados sem uma base de auxílio, os professores muitas vezes lutam sozinhos contra suas dificuldades na sala de aula e a sua eficácia docente acaba por declinar diante de seus próprios olhos gerando um sentimento de incompetência que por vezes é extremamente prejudicial à sua saúde mental.

Lembrando da síndrome de *Burnout* (Codo, 1999) que atinge tantos docentes os fazendo desistir da profissão que estudaram para lecionar buscando novas possibilidades de emprego, até mesmo novas graduações.

Os professores sofrem de mal-estar docente dentro da sala de aula e não devemos esquecer o estigma que buscar a cura para esse mal possui, tratamentos, tanto psicológicos quanto psiquiátricos, são vistos como ocorrências de pessoas “loucas”, nossa sociedade ainda julga aquele que busca soluções para seus problemas dentro do campo psicológico.

O professor acaba sendo desautorizado dentro da sua própria sala de aula, por vezes não é ouvido pelos seus superiores, acaba tendo que acatar todos os

projetos que lhe são passados sem possuir o direito de ter uma voz em cima disso, trabalhando muitas vezes ou sozinho, ou apenas seguindo ordens.

Segue-se sinalizando a queda da autoridade do professor, baseado nos títulos previamente lidos antes da realização desse trabalho de autores como Paulino, Franco, Pereira (2011), os fatos ruins que ocorrem dentro da sala de aula acabam se sobressaindo aos fatos bons o que resulta por passar uma imagem errada de insuficiência do trabalho docente. Temos por resultado a depressão do professor, tudo acaba por corroborar para esse fato, a questão salarial, o desrespeito tanto dos alunos quanto dos seus superiores, as altas expectativas da sociedade perante a escola e o docente, a falta de reconhecimento do seu trabalho.

O LUGAR DO PROFESSOR NA SOCIEDADE HOJE

Hoje o lugar do professor na sociedade é fragmentado, muitos ainda insistem em tentar forçar uma postura de autoridade e outros acabam por passar por uma “adolescentização” forçada (Pereira, 2013) diante seus alunos, essa imagem que pode ser passada pelo professor acaba dando liberdade demais para seus discentes que ficam desassistidos sem uma figura de autoridade dentro da sala de aula, são diferentes pólos que devem encontrar um equilíbrio, sempre prezando pelo respeito entre professor e aluno.

Ainda que a profissão de professor seja desvalorizada é relatado um forte sentimento de querer se tornar professora entre as entrevistadas, exceto uma que escolheu a profissão por ser a mais em conta para se cursar, as outras três sempre tiveram o desejo de lecionar.

Não existe vocação para ser professor, mas pode haver a vontade, a admiração de sujeitos que antes aprendiam e hoje ensinam. Nunca esquecendo o quanto é necessário uma graduação voltada para sua área de ensino, duas das quatro professoras entrevistadas já tinham iniciado outra graduação em licenciatura, mas acabaram se voltando para a pedagogia por conta dos desafios encontrados no ensino a adolescentes. Infelizmente esse estereótipo de indisciplina, desrespeito e desautorização permeiam as profissões que lidam com pré-adolescentes e adolescentes, ainda que o curso de pedagogia não isente totalmente esse grupo já que também habilita professoras a lecionarem para jovens e adultos nos anos iniciais da educação básica.

A desvalorização do professor se reflete em seu pagamento, a maioria das entrevistadas relatam acreditar que a forma que a sociedade enxerga o professor diminui o seu pagamento, trabalham demais, por vezes levam o seu trabalho para casa e ainda assim não recebem o merecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que mesmo sendo uma profissão desvalorizada, a profissão docente ainda é vista como uma alternativa aos estudantes, ainda se quer formar-se professor. São diversos desafios que encontram no caminho, desvalorização perante a sociedade, financeira, desautorização dentro da sala de aula, indisciplina dos alunos, entre vários outros sintomas descritos no decorrer do presente trabalho de curso, mas ainda assim a admiração pelo trabalho docente existe por aqueles que querem tornarem-se professores.

Novos caminhos na formação de professores e nos valores da sociedade podem mudar essa visão tornando o trabalho docente mais descomplicado, aliviando o seu mal-estar, mas ainda que um ofício difícil segue sendo uma opção de carreira para tantos novos educadores que se graduam em todo o Brasil.

Existem diversos fatores para querer tornar-se um professor, como a busca por um curso mais em conta, o rápido retorno financeiro, mas um dos maiores motivos, se não o maior, é o amor pela profissão. O desejo de mudar o mundo, ajudando a moldar novos pensadores e criando diversas formas para esse caminho se tornar mais fácil e acessível para todos aqueles que estão dentro da sala de aula.

Ainda que os docentes amem a sua profissão, que lecionar seja um trabalho muito extenso e bonito, os professores devem ser valorizados pela sociedade, pelos seus alunos e principalmente por seus superiores, como coordenadores, diretores da escola.

É possível que o sentimento “amor” não mensure o que o professor sente pela a sua profissão, são tantos motivos para desistir da carreira escolhida, desvalorização, desautorização, pagamentos baixos e ainda assim os docentes resistem, trabalham, não se dão por vencidos e esperam um melhor retorno no futuro. O futuro deveria ser trabalhado pensando nesses profissionais tão

esquecidos pela nossa sociedade, parece ser tão básico que o professor, aquele que tem o poder de auxiliar a mudar vidas, necessita do mínimo de valorização humana que muitas vezes lhe é negado.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AGUIAR, Rosana Márcia Rolando and ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **Professores sob pressão: sofrimento e mal-estar na educação..** In: PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO, 6., 2006, São Paulo. Proceedings online... Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100063&lng=en&nrm=abn>. Acesso em 01 de outubro de 2020.

ALTENFELDER, Anna Helena. Desafios e tendências em formação continuada. **Construção Psicopedagógica**, [S. l.], p. 1, 8 dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542005000100004. Acesso em: 1 maio 2021.

BIRMAN, Joel. (2000). **Mal-estar na atualidade.** A psicanálise e as novas formas de subjetivação no mundo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CHARCZUK, Simone Bicca. **Acerca do mal-estar e sofrimento docente.** Colóquio Internacional do LEPSI (12. : 2017: São Paulo) XII Colóquio Internacional do LEPSI. São Paulo: USP, 2017.

CODO, Wanderley. (Coord.). (1999). **Educação: Carinho e Trabalho.** Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis, RJ: Vozes.

ENRIQUEZ, Eugène. (2007). **As figuras do poder.** Editora Via Lettera. São Paulo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 37ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREUD, Sigmund. (1930 [1929]) **O mal-estar na civilização.** Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MARIN, Alda Junqueira (1995): “**Educação continuada: introdução a uma análise de termos e concepções**”. In: Cadernos Cedes, 36, pp. 3-20.

MARTINS, João Batista. **Contribuições da Psicanálise para a formação de professores**. Londrina, 2009. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2152>. Acesso em: 2 maio 2021.

NÓVOA, António. **Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa**. In: FAZENDA, Ivani.(org) A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995, p. 29-41.

PAULINO, Bárbara Oliveira; FRANCO, Raquel Braga; PEREIRA, Marcelo Ricardo. A sociedade da vergonha e a (des)construção da subjetividade docente. In: **A sociedade da vergonha e a (des)construção da subjetividade docente**. São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032010000100059&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 19 out. 2020.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. De que hoje padecem os professores da Educação Básica. **Educar em Revista**, Curitiba, ano 2017, v. 6, ed. 64, p. 1-9, junho 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602017000200071&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 19 out. 2020.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **Mal-estar docente e novos sintomas na cultura**. In: QUE ESCOLA é essa: anacronismo, resistência e subjetividades. [S. l.: s. n.], 2009. cap. 2, p. 35-56.

PRADO, Alcindo Ferreira; COUTINHO, Jecilene Barreto; REIS, Osvaldineide Pereira de Oliveira; VILLALBA, Osvaldo Arsenio. **SER PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS DA PROFISSÃO**. [S. l.], 2013. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol__1373923960.pdf. Acesso em: 19 out. 2020.

PRIOSTE, Claudia Dias. (2006). **Diversidade e adversidades na escola: queixas e conflitos de professores frente à educação inclusiva**. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

SILVA, Edileide M. Antonino da. **Mal-estar: marca da escola na contemporaneidade?**. 2012. Disponível em <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/lepsi/n9/a05n9.pdf>>. Acesso em 19 de agosto de 2020.

SOUSA, Elayna Maria Santos; MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. O processo de constituir-se professor na relação objetividade-subjetividade: significações acerca da mediação social na escolha pela docência. **Educação e formação**, Ceará, v. 4, n. 2, p. 82 - 96, 1 maio 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/841/1143>. Acesso em: 30 abr. 2021.

VASCONCELOS, Renata Nunes; MIRANDA, Margarete Parreira. Psicanálise, educação e o mal estar na formação de professores. In: **Psicanálise, educação e o mal estar na formação de professores**. São Paulo, 2012. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032012000100048&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 out. 2020.

ZARAGOZA, José Manoel Esteves. (1999). **O Mal-estar Docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. (D. de C. Cavicchia, Trad.) Bauru, São Paulo: EDUSC.